



# Dinâmica Espírita

**REVISTA Nº 86**

Julho/2022

Curta nossa página no Facebook:

<https://www.facebook.com/ceamorepaz>

## **Intervenção dos Espíritos na Matéria: Respostas a algumas perguntas**

**Pergunta: Como os Espíritos podem agir sobre a matéria? Isso parece contrário a todas as ideias que fazemos da natureza dos Espíritos.**

Resposta – “Segundo vós, o Espírito nada é; e isso é um erro. Já vos dissemos que o Espírito é alguma coisa, daí porque pode agir por si mesmo. Vosso mundo, porém, é muito grosseiro para que ele possa fazê-lo sem um intermediário, isto é, sem o laço que une o Espírito à matéria.”

Observação – Sendo imaterial o próprio laço que une o Espírito à matéria ou, pelo menos, impalpável, essa resposta não resolveria a questão se não tivéssemos o exemplo de forças igualmente imponderáveis agindo sobre a matéria: é assim que o pensamento é a causa primeira de todos os nossos movimentos voluntários; que a eletricidade derruba, levanta e transporta massas inertes. Do fato de não se conhecer o motor, seria ilógico concluir que ele não existe. O Espírito pode, pois, ter alavancas que nos são desconhecidas; a Natureza prova diariamente que o seu poder não se detém no testemunho dos sentidos. Nos fenômenos espíritas a causa imediata é, incontestavelmente,

um agente físico; mas a causa primeira é uma inteligência que age sobre esse agente, como o nosso pensamento age sobre nossos membros. Quando queremos bater, é nosso braço que age; não é o pensamento que bate, ele dirige o braço.

**Pergunta: Entre os Espíritos que produzem efeitos materiais, os que se chamam de batedores formam uma categoria especial, ou são os mesmos que produzem os movimentos e os ruídos?**

Resposta – “O mesmo Espírito, certamente, pode produzir efeitos muito diversos; mas há os que se ocupam mais particularmente de certas coisas, como entre vós tendes os ferreiros e os que fazem trabalhos pesados

**Pergunta: O Espírito que age sobre corpos sólidos, seja para movê-los, seja para bater, encontra-se na própria substância do corpo ou fora dela?**

Resposta – “Uma coisa e outra; dissemos que a matéria não é um obstáculo para os Espíritos; eles penetram tudo.”

**Pergunta: As manifestações materiais, tais como os ruídos, o movimento dos objetos e todos esses fenômenos que nos apraz provocar frequentemente, são produzidos indistintamente pelos Espíritos superiores e inferiores?**

Resposta – “Apenas os Espíritos inferiores se ocupam dessas coisas. Por vezes os Espíritos superiores servem-se deles, como farias com um carregador, a fim de levar a escutá-los. Podeis crer que os Espíritos de uma ordem superior estejam às vossas ordens para vos divertir com pasquinadas? É como se perguntásseis se, em vosso mundo, são os homens sábios e sérios que fazem os papéis de malabaristas e bufões.”

Observação – Os Espíritos que se revelam por efeitos materiais são, em geral, de ordem inferior. Divertem ou espantam aqueles para quem os espetáculos visuais têm mais atrativos que o exercício da inteligência; são, de alguma sorte, os saltimbancos do mundo espírita. Algumas vezes agem espontaneamente; outras vezes, por ordem dos Espíritos superiores. Se as comunicações dos

Espíritos superiores oferecem um interesse mais sério, as manifestações físicas têm igualmente utilidade para o observador. Revelam-nos forças desconhecidas da Natureza e nos oferecem o meio de estudar o caráter e, se assim nos podemos exprimir, os costumes de todas as classes da população espírita.

**Pergunta: Como provar que o poder oculto que age nas manifestações espíritas está fora do homem? Não se poderia pensar que reside nele mesmo, isto é, que age sob o impulso de seu próprio Espírito?**

Resposta – “Quando uma coisa é feita contra tua vontade e o teu desejo, é claro que não és tu quem a produz; porém, frequentemente és a alavanca de que se serve o Espírito para agir e tua vontade lhe vem em auxílio; podes ser um instrumento mais ou menos cômodo para ele.”

Observação – É sobretudo nas comunicações inteligentes que a intervenção de um poder estranho se torna patente. Quando essas comunicações são espontâneas e estão fora do nosso pensamento e controle; quando respondem a perguntas cuja solução é ignorada pelos assistentes, faz-se necessário procurar sua causa fora de nós. Isso se torna evidente para quem quer que observe os fatos com atenção e perseverança; os matizes de detalhes escapam ao observador superficial.

**Pergunta: Todos os Espíritos são capazes de dar manifestações inteligentes?**

Resposta – “Sim, visto que todos são inteligentes; porém, como os há de todos os graus, tal qual ocorre entre vós, uns dizem coisas insignificantes ou estúpidas, outros coisas sensatas.”

**Pergunta: Todos os Espíritos estão aptos a compreender as perguntas que se lhes fazem?**

Resposta – “Não; os Espíritos inferiores são incapazes de compreender certas perguntas, o que não os impede de responder bem ou mal; é ainda como entre vós.”

Nota: Por aí se vê o quanto é essencial pôr-se em guarda contra a crença no saber ilimitado dos Espíritos. Dá-se com eles o que se dá com os homens: não basta interrogar o primeiro que aparece para ter uma resposta sensata. É preciso saber a quem se dirigir. Quem quer que deseje conhecer os costumes de um povo, deve estudá-lo desde a base até ao cume da escala; ver somente uma classe é dele fazer uma ideia falsa, pois se julga o todo pela parte.

A população dos Espíritos é como a nossa; há de tudo: o bom, o mau, o sublime, o trivial, o saber e a ignorância. Quem não os tiver observado seriamente em todos os graus não se pode gabar de onhece-los. As manifestações físicas fazem-nos conhecer os Espíritos de baixa evolução: são a rua e a cabana. As comunicações instrutivas e sábias põem-nos em relação com os Espíritos elevados: são a elite da sociedade, o castelo e o Instituto.

### **Manifestações Físicas**

Lemos o que se segue em *Le Spiritualiste de la Nouvelle Orléans*, do mês de fevereiro de 1857:

“Ultimamente perguntamos se todos os Espíritos, indistintamente, fazem mover as mesas, produzem ruídos, etc.; e logo a mão de uma dama, bastante séria para brincar com essas coisas, traçou violentamente estas palavras: – “Quem faz dançar os macacos em vossas ruas? Serão os homens superiores?”

“Um amigo, espanhol de nascimento, que era espiritualista e que faleceu no verão passado, deu-nos diversas comunicações; em uma delas encontramos a seguinte passagem: “As manifestações que procurais não se acham no número das que mais agradam aos Espíritos sérios e elevados. Confessamos, todavia, que elas têm sua utilidade, porque, talvez mais que nenhuma outra, podem ser úteis para convencer os homens de hoje.”

“Para obter tais manifestações é preciso, necessariamente, que se desenvolvam certos médiuns, cuja constituição física esteja em harmonia com os Espíritos que possam produzi-las. Ninguém duvida que os vereis desenvolver-se mais tarde entre vós; e, então, já não serão pequenos golpes

que ouvireis, mas ruídos semelhantes ao crepitar da fuzilaria, entremeados de tiros de canhão.” “Em uma parte recuada da cidade existe uma casa habitada por uma família alemã; nela se ouvem ruídos estranhos, enquanto certos objetos são deslocados; pelo menos foi o que nos asseguraram, porquanto não o verificamos; mas, pensando que o chefe dessa família nos pudesse ser útil, convidamo-lo para algumas das sessões que têm por fim este gênero de manifestações e, mais tarde, a mulher desse bravo homem não quis que ele continuasse entre nós porque, disse-nos este último, o barulho aumentou em sua casa. A esse respeito, eis o que nos foi escrito pela mão da senhora ... “Não podemos impedir os Espíritos imperfeitos de fazerem barulho ou outras coisas que incomodam e mesmo apavoram; mas, o fato de estarem em contato conosco, que somos bem-intencionados, apenas diminui a influência que exercem sobre o médium em questão.”

Chamamos a atenção para a perfeita concordância existente entre o que os Espíritos disseram em Nova Orléans, com respeito à fonte das manifestações físicas, e o que foi dito a nós mesmos. Com efeito, nada pintaria essa origem com mais energia do que esta resposta, ao mesmo tempo tão espirituosa e profunda: “Quem faz dançar os macacos nas ruas? Serão os homens superiores?”

Teremos ocasião de narrar, conforme os jornais da América, numerosos exemplos desse tipo de manifestações, bem mais extraordinários do que aqueles que acabamos de citar. Sem dúvida responder-nos-ão com este provérbio: “A boa mentira vem de longe.” Quando coisas tão maravilhosas nos vêm de 2.000 léguas e não podemos verificar, concebe-se a dúvida; mas esses fenômenos atravessaram os mares com o Sr. Home, que deles nos deu provas. É verdade que o Sr. Home não foi para o teatro para operar seus prodígios e que nem todo o mundo, pagando a entrada, pôde vê-los; por isso muitas pessoas o consideram hábil prestidigitador, sem refletir que a alta sociedade, que testemunhou esses fenômenos, não se teria prestado com benevolência a servir-lhe de patrocinador. Se o Sr. Home fosse um charlatão, não teria tido o cuidado de recusar as brilhantes ofertas de muitos estabelecimentos públicos, e teria saído com o ouro a mancheias. Seu desinteresse é a resposta mais peremptória que se pode dar a seus detratores. Um charlatanismo

desinteressado seria uma insensatez e uma monstruosidade. Mais tarde falaremos detalhadamente do Sr. Home e da missão que o conduziu à França.

Enquanto aguardamos, eis um fato de manifestação espontânea que médico distinto, digno de toda confiança, nos relatou, e que é tanto mais autêntico quando as coisas se passaram com o seu conhecimento pessoal. Uma família respeitável tinha como empregada doméstica uma jovem órfã de catorze anos, cuja bondade natural e doçura de caráter haviam-lhe granjeado a afeição dos patrões. No mesmo quarteirão habitava uma outra família, cuja mulher, não se sabe por que, havia tomado essa jovem em antipatia, a tal ponto que não havia mau procedimento de que ela não fosse o objeto.

Um dia, quando voltava, a vizinha aparece furiosa, armada de uma vassoura, querendo bater-lhe. Assustada, precipita-se contra a porta e quer tocar a campainha; infelizmente o cordão encontra-se rompido e ela não pode alcançá-lo; eis, porém, que a campainha se agita por si mesma e vêm abrir-lhe a porta. Em sua perturbação ela não se deu conta do que se havia passado; mas, depois, a campainha continuou a tocar de tempo em tempo, sem motivo aparente, tanto de dia como de noite e, quando se ia ver à porta, não se encontrava ninguém. Os vizinhos do quarteirão foram acusados de pregar essa peça de mau gosto; foi dada queixa ao comissário de polícia, que abriu inquérito, investigou se algum cordão secreto se comunicava com o exterior, mas nada pôde descobrir. As coisas, porém, persistiam cada vez mais, em prejuízo do repouso de todos e, sobretudo, da pequena empregada, acusada de ser a causa do barulho. Atendendo ao conselho que lhes foi dado, os patrões da jovem órfã decidiram afastá-la e a colocaram no campo, na casa de amigos. Desde então, a campainha permaneceu quieta e nada de semelhante se produziu em seu novo domicílio. Esse fato, como muitos outros que vamos relatar, não se passou às margens do Missouri ou do Ohio, mas em Paris, na Passagem dos Panoramas.

Resta, agora, explicá-lo. A jovem não tocava a campainha, isso é positivo; estava bastante apavorada com o que se passava para pensar numa farsa, da qual teria sido a primeira vítima. Uma coisa não menos positiva é que o toque da campainha se deveu à sua presença, uma vez que o efeito cessou quando ela partiu. O médico que testemunhou o fato explica-o por uma poderosa ação

magnética, exercida de forma inconsciente pela jovem criada. Essa explicação de forma alguma nos parece concludente: por que teria ela perdido esse poder após a partida? Quanto a isso, diz ele que o terror inspirado pela presença da vizinha devia produzir na jovem uma superexcitação, susceptível de desenvolver a ação magnética, e que o efeito cessou com a causa.

Confessamos não estar absolutamente convencidos por esse raciocínio. Se a intervenção de uma força oculta não está aqui demonstrada de maneira evidente, pelo menos é provável, conforme fatos análogos que conhecemos. Admitindo, portanto, essa intervenção, diremos que, nas circunstâncias em que o fato se produziu pela primeira vez, um Espírito protetor quis, provavelmente, que a jovem escapasse do perigo que corria; que, apesar da afeição que seus padrões lhe devotavam, fosse talvez de seu interesse sair daquela casa. Eis por que o ruído continuou até que ela tivesse partido.

## **Revista Espírita nº I - 1858**

### **DINÂMICA ESPÍRITA**

**Editor:**

Plínio J. Marafon

Jornalista – MTb nº 9.727/72

**Diagramação:** Denise e Fabiano Soares da Silva

**Mandem-nos artigos para publicarmos.**

**Opiniões sobre a revista e pedidos**

**para recebê-la via e-mail:**

**[dinamica.espirita@ceamorepaz.org.br](mailto:dinamica.espirita@ceamorepaz.org.br)**